

APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO DAS PÁGINAS MINHOTAS,
(ED. ÓPERA OMNIA, NOVEMBRO DE 2007)

Neste livro agora editado pela 2ª vez reúnem-se as crónicas que Alfredo Pimenta escreveu sob este título entre os anos de 1929 e 1942 no jornal lisboeta *A VOZ*.

Pensado e organizado pelo seu Autor teve edição póstuma, em 1950, um mês e meio após a sua morte. A iniciativa de concretizar a intenção do escritor vimaranense ficou a dever-se ao empenho das *Organizações Bloco Limitada* na pessoa do então seu director, Sr. Manuel da Costa Figueira e à boa-vontade do Dr. João Ameal, grande amigo de Alfredo Pimenta que deu título aos últimos quinze capítulos que o Autor já não teve tempo de denominar. Também se ficou a dever à devoção filial de Alfredo Manoel Pimenta, meu Pai, que votava ao Seu, além de uma grande admiração pela obra e pela vida, um ilimitado amor em que se misturavam a honra pelo nome recebido e a partilha da vivência familiar: ele foi testemunha atenta da solidão que gera a autonomia do pensamento contra a corrente e posteriormente do silêncio imposto pelas maiorias dos politicamente correctos que votam ao desperdício aquilo que numa obra e num carácter podem servir de reflexão e aprendizagem. Jean Guilton no seu *Testamento Filosófico* observava que é: “(...) *cobardia procurar a aprovação em vez da verdade; a conformidade em vez da comunhão (...)*” e por isso o seu Filho na nota que assinou na 1ª edição o comparou a um *cavaleiro medieval que lutara pela Inteligência com nobreza, altivez, galhardamente, até ao limite das forças humanas*.

Também, dentro da esfera de afectos que envolveram aquela edição, encontramos a ilustrá-la um esplêndido retrato de Alfredo Pimenta da autoria do pintor Ruy Preto Pacheco oferecido àquele a quem considerava *Amigo e Mestre*.

Quer agora a editora *Opera Omnia* pela mão do Sr. Dr. José Manuel Costa, responder à urgente necessidade do nosso tempo de incitar à leitura e para isto foi buscar, desta vez, a pena de um vimaranense desaparecido há meio século e que animou as letras portuguesas durante outro meio século, precisamente a 1ª metade de novecentos.

Ora segundo o próprio Autor em nota dirigida com data de Maio de 1950, “*algumas destas páginas não podem ser lidas e interpretadas fora do tempo em que foram compostas. Deve o Leitor deslocar-se para melhor as compreender e julgar...*”. Esta

advertência levou a sua neta Maria da Madre de Deus Pimenta Reynolds de Souza, continuando o clima de afecto que rodeou a 1ª edição, ao tomar conhecimento da intenção do Sr. Dr. José Manuel Costa de reeditar as *Páginas Minhotas*, a propor-se elaborar um índice e uma série de notas que identificassem as personalidades evocadas e os factos mais desgastados pelo Tempo, o que cumpriu. Assim a leitura proporcionada por esta reedição ficará mais próxima de quem sobre ela se abeirar.

Mas podemos interrogar-nos porquê as *Páginas Minhotas*, o que são hoje as *Páginas Minhotas*?

Cada obra, cada livro é um ponto de vista sobre a realidade objectiva ou subjectiva, pessoal ou geral, local ou mais vasta. Nas perspectivas caldeiam-se os pontos de vista – as ideias ou crenças – que se adquirem através da cultura herdada e que se assimilam dando lugar a novas visões do mundo e da realidade, abrindo horizontes que permitem novas ou diferentes interpretações. Os capítulos em que se dividem estas *Páginas Minhotas* levam-nos à contemplação de um Minho dos anos 20 a 40 do século XX, visionado e sentido por um escritor que depois de muito estudo filosófico, histórico, literário e de muita vivência política – Alfredo Pimenta foi um grande interventor na política do seu tempo -, concluiu pela ideia de que as sociedades devem evoluir dentro da continuidade, fugindo às revoluções e rupturas devastadoras e parciais. Nos temas que trata nestas *Páginas Minhotas*, sempre sob a forma de narrativas, encontramos aspectos etnográficos e sociológicos quando nos descreve romarias e procissões – ao tempo manifestações de devoções e se calhar temor de interrupção de tradições -, métodos de trabalho – braçalmente engenhosos -, costumes – quase ancestrais apesar do século XX -; aspectos culturais que nos retratam algumas das instituições de cultura importantes na cidade-berço como a Sociedade Martins Sarmiento. Alfredo Pimenta admirava profundamente a acção dos homens que a haviam instituído e o alcance que ano após ano ela atingira na promoção da cultura – depositária do arquivo da Colegiada, receptáculo de uma biblioteca importante, criadora de uma *Revista*, responsável pela edição dos *Vimaranis Monumenta Historica*, de estudos arqueológicos, de esforço em prol da instrução criando um prémio para o melhor estudante da instrução primária no concelho, de que aliás Alfredo Pimenta, foi aos dez anos, um dos contemplados. Salienta ainda a constância daqueles que nos seus postos de direcção não se vergavam aos obstáculos que atormentavam as suas gestões e iam cumprindo estes objectivos. As *Páginas Minhotas* aproximam-nos também das personalidades que caracterizavam a vida social de Guimarães: fidalgos entre os que se destacam, entre outros exemplos, a família Margaride pela excelência cívica na sua participação na

política, na assistência social e na cultura, os Martins da Costa, da Casa de Aldão, detentores de uma das virtudes mais portuguesas – a continuada hospitalidade – também evoca homens de letras vimaranenses, como Guilherme de Faria, os Meiras, Alfredo Guimarães, Eduardo de Almeida e tantos outros... De igual modo perpassam nestas páginas as personalidades de muitos visitantes atraídos pela vontade de conversar com o escritor das *Páginas Minhotas*, cabendo neste momento, referir o Dr. Sérgio da Silva Pinto de saudosa memória, acompanhado da sua Mulher, cuja presença hoje, nesta sala, nos faz muito felizes, ou simples figuras do povo a quem ele prestava muita atenção e cujos perfis atingem a categoria de tipos. Nas suas observações tanto encontramos preocupações actuais, como quando afirma que *“tenho infelizmente, muitas vezes observado que não é possível legislar-se, em certos assuntos, de maneira uniforme para todo o País”*, como a nostalgia – recorrente em literatura – perante os sintomas da modernidade, neste caso o progresso da industrialização, do urbanismo e a sua invasão da paisagem rural com a consequente alteração de hábitos, etc,.

Neste livro a expressão de ideias, sentimentos, descrições ou pensamentos parece fácil porque a prosa de Alfredo Pimenta alia ao rigor das palavras que advém do profundo conhecimento da língua, a clareza dos conceitos e a emotividade que não abalava a racionalidade e era timbre do seu pensamento. A sensibilidade artística que em todas as suas manifestações literárias demonstra e o conhecimento da língua e sua gramática permitiam-lhe as frases medidas e cadenciadas que tornam a sua comunicação escrita luminosa, sugestiva e de fácil acesso. *Páginas Minhotas* assemelha-se a álbum de pintura naturalista em que tal como o pintor diante da sua tela, o Autor com a sua pena, em frente da página branca, cria a perspectiva, a luz, a sombra que quase tornam intemporais os cenários que compõe.

Estamos pois na presença de um Livro que nos leva à contemplação de um Minho visionado por um Autor que apesar da universalidade da sua cultura não esqueceu nunca a sua qualidade de minhoto. Por isso as palavras com que o dedica aos seus netos: *“para que através destas páginas, venham um dia, a sentir nos seus corações, amor e ternura pela Província em que nasci”*.

Livro datado? Sem dúvida. Mas leva-nos para a fruição da leitura e permite-nos aquela visita sempre compensatória pela surpresa ou encantamento ou impaciência ou juízo que ficamos a dever aos livros alinhados nas estantes das bibliotecas: são rostos, são almas. Com ele lembramo-nos do cantar do poeta espanhol Francisco de Quevedo que no meio dos tormentos da sua vida, pletórica de exílios e prisões, não deixava de se fazer acompanhar dos seus livros, que

transportava numa carroça puxada a mulas para onde quer que o seu destino o levasse: *“desterrado en la paz de estes desiertos,/ com pocos doctos libros juntos,/ vivo en conversación con los difuntos/ e escucho con mis ojos a los muertos”*.

Livro datado? Sim. Mas de leitura profícua pelas visões que oferece e pelas reflexões que origina, consoante o leitor que o atenda, numa escrita de grande qualidade.

Relembrar um autor que se esconde por detrás do tumultuar das tendências literárias que dão cor e tom à nossa estridente época post-modernista que se procura, se atordoa, se multiplica em numerosos “neo” e que se reparte entre o pensamento utópico e a sua negação, caindo na melancolia e na desesperança, é obra meritória porque o livro que hoje aqui nos reúne dá-nos acesso à serenidade e à frescura da paisagem minhota em que tanta vida cresce e cria.

Bem haja a *Opera Omnia* que como o seu nome indica tem a sageza de ir à estante, puxar um livro e oferece-lo a novos leitores não desperdiçando valores e ocasiões de bem servir.

Maria Tereza Pimenta

7 de Dezembro de 2007

Guimarães

Átrio do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta